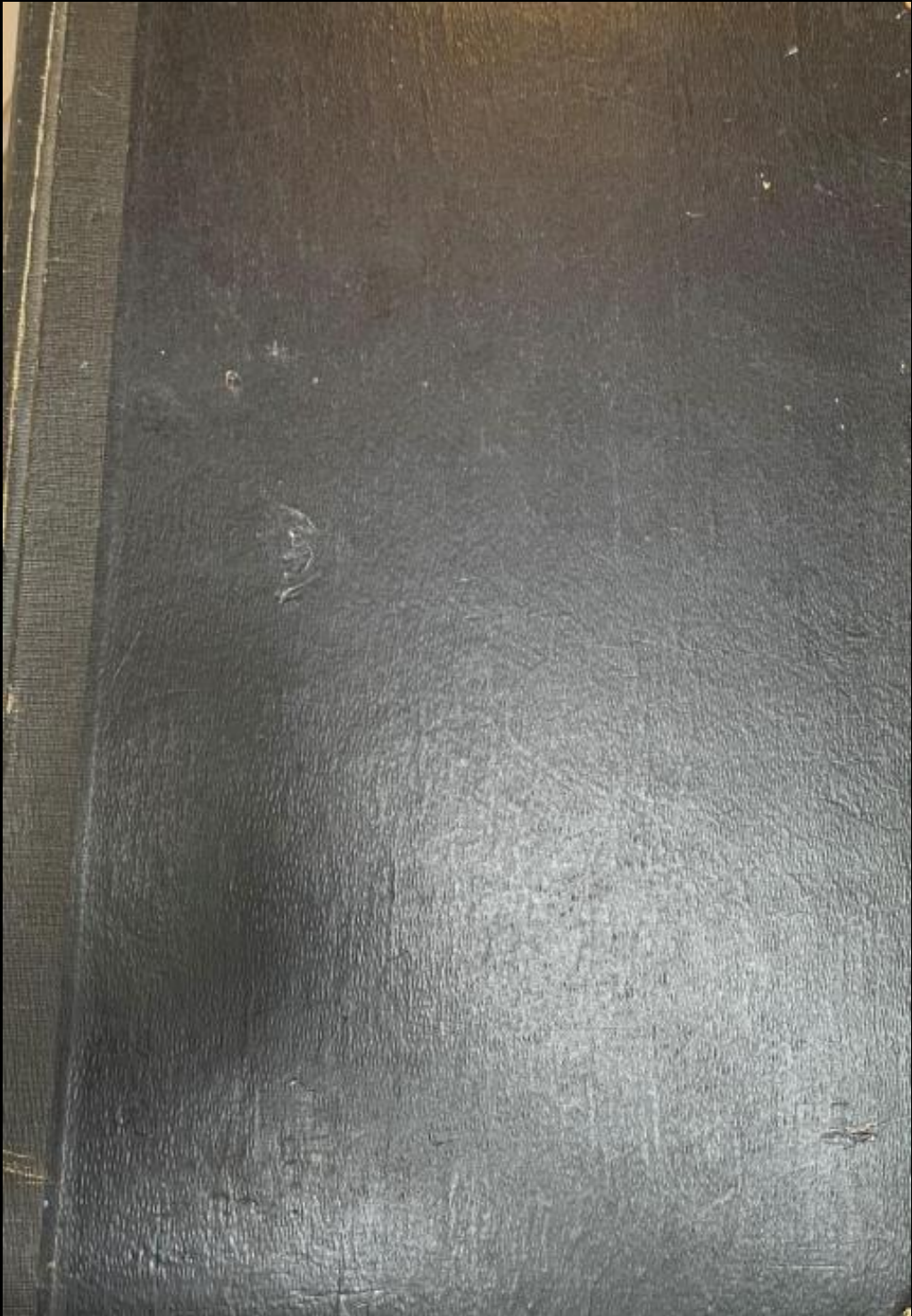


Livro de registro das atividades
do Grupo Clínica



Obs. As páginas 26, 28 e 35 estão faltando.

observação e participação.
- jogos 'de alegria', de
- acesso ao futebol dos demais pacientes
- da instituição
- participação no conjunto musical
- hora da comunicação; discursos, poemas
- e que foi visto, feito ou vivido etc

Como mostra o relatório de outubro de 1980 os
- menos principais objetivos na estimular os
- pacientes a participarem do convívio e conse-
- guir que a instituição se aceitasse o que a
- acreditávamos para bem para minimizar a
- patologia desses pacientes

O planejamento do trabalho foi orçado
- dentro das próprias possibilidades daquele mo-
- mento de situação. Iniciamos, então, procu-
- rando estimular os pacientes a desenvolverem
- viver. Iniciamos com os primeiros cuidados
- higiênicos, melhorar hábitos e atitudes já
- perdidos pelo grau de cronicidade da doença,
- foram os objetivos parciais de um trabalho
- que se desenvolveria por etapas

Uma mini-equipe (mínima demais
- talvez), começou a se organizar, mas de um
- modo que atendesse aos nossos objeti-
- vos. Assim, estava sempre aberta a presen-
- ça da população do M.F.H.C. técnicos,
- funcionários, guardas, advo-
- gados etc aos demais internos desde
- que acreditávamos por este um meio impor-

lante a' estimulaco dos pacientes que antes viviam ali, na clínica Psiquitica do M. J. B. e isolado e esquecido.

As atividades grupais se esparciam e formou-se o Grupo III da Psicoterapia. Os pacientes eram atendidos, nas suas atividades de rotina (AVD e, aos poucos, iam se enfrentando na rotina do próprio manicômio.

Eramos supervisionados pelo Sr. Jayme Bister, que nos acompanhou desde as primeiras etapas do novo trabalho, tomando - o possível. Entretanto ao passarmos a pertencer a Psicoterapia como Grupo III grande parte de nossos atividades deixaram de ser supervisionadas e como as dificuldades eram muitas, começamos a sentir que grande parte do novo trabalho ficava sem uma avaliao, sem as práticas neuropsicas.

Supervisão de 29/10/1980 - Sr. Jayme Bister.

Jayme explicou-nos alguns dos comportamentos observados nos duas unidades, unárias. Referindo-se ao fato do tabacismo (paciente masculino que inaugurou o manicômio judiciário em 1927) comer o cigarro dado pela Dra. Beatriz, disse que o esquizofrnico está muito fixado a fase oral e que gostar para ele, e' devar, por fora dentro o outro, o que estaria relacionado as fantasias de devr o peio que nos apresenta Melanie Klein. Jayme nos diz que o trabalho deve ser bem lento, sem que nos tomemos muito ansiosos desde que

devamos estimular os pacientes possibilitando
um tipo de comunicação predominantemente hori-
zontal, entendendo, assim, que níveis de au-
tonomia sejam instalados, isto é, que
pareça a existir uma dimensão vertical."

- Antes de iniciarmos os grupos, era preciso
conhecer os pacientes. A primeira vez que
visitei a clínica foi na matina do Manó-
nio (autor conhecido), foi uma surpresa! Os
pacientes quase não saíam da cama e
poucos nos respondiam quando lhes fala-
vamos. O cheiro de fezes era quase insupor-
tável. Os enfermeiros, num esforço bem gran-
de, procuravam limpar os pacientes o melhor
possível, mas não dava conta. Por um anti-
cipação urinária ou fecal ou por tal debi-
lidade de vontade que os fazia nem sequer
sair do lugar para suas necessidades fi-
siológicas, viviam sempre sujos e fedidos.

- Visitávamos as enfermarias e falávamos com
eles. Anotávamos seus nomes, contávamos
cenas a eles, dávamos a mão para aque-
los a pedirem-se na cama e pôde-
mou conversar conosco, etc.

- Depois passaram a nos esperar. Alguns já
nos acompanhavam pela clínica e alguns
já ficaram no patio da clínica, porque
no mais isolado pelas murchas.

- Na primeira vez o hábito, nos pacientes, de não ou, de esperar por nós, de repetir nova vez, etc.

- Depois disto já podemos começar a reuni-los.
Deixamos, aqui, alguns exemplos:

22/10/80 Grupo Recuperação -

" Os monitores promoveram os internos que se sentaram em torno das mesas. Os lugares foram indicados pelos monitores, isto pela debilidade da vontade que os pacientes tinham apresentavam.

Perguntei-lhes se já sabiam meu nome. Uns me reconheceram, outros me olharam como se fosse a primeira vez. Apresentei-me e disse-lhes que cada um disserse seu nome. Um por um foi dizendo o próprio nome a aqueles que permaneciam calados ou não estimulados pelos monitores para que falassem.

Nora: Vocês sabem que dia é hoje?

Edinaldo: Hoje é dia 22 de outubro de 1980

Meneirinho: Eu só sei que hoje é quarta-feira.

- Os demais pacientes estavam calados. O olhar tão vazio que eu pensei que se eles sabiam que ali estavam.

Propus uma atividade lúdica baseada em senso-percepção: os monitores distribuí

ram colherzinhas coloridas, aos pares. Assim quando depois era colorida, por exemplo, uma colher amarela, quem tivesse a outra colher amarela se apresentava. A atividade os estimulou muito e até os que não falavam queriam participar e se apresentavam.

Dando continuidade, perguntei-lhes para que servia uma colher, que palavras lhes vinham à cabeça. Os assuntos foram aparecendo, sem dentro do nível de linguagem que apresentavam: comida, doce, etc.

O Wanderlei ficou no canto. Nada disse mas sorriu e sobretudo sorriu. Pegou a colher de pau e mastigou-a.

O Nilton nem se mexeu. Ficou pentado onde o coloraram. Uniu na cadeira. "Suas mãos vivem molhadas de suor."

— " — Nara Shummond

" Os pacientes não vêm sozinho. Eles têm que ser trazidos pelos monitores, pelo menos na sua maioria.

Além dos grupos, continuam visitando em outros horários, como por exemplo nas enfermarias ou no horário em que Sen Barbosa e os monitores os colocam no sol.

Há bolas de enche, de cores variadas, pedindo inclusive os faxinas e Seu Santos o enfermeiro do dia. A maioria dos parentes encheu suas bolas e aqueles que não conseguiram, eram apitados pelos monitores.

Depois das bolas cheias, Nara uniu trocando a sua bola com a do Edinaldo e depois pediu ao Mineirinho que trocasse sua bola com a Edizen e assim prosseguindo. Cada vez que a bola era trocada (jogada ou trocada em mãos), os nomes dos pacientes eram repetidos. Alguns pacientes prometeram trocar a bola, numa segunda etapa, sem que a psicóloga ou os monitores indicassem os parceiros. O Manoel, que é cego, também participou, embora na hora de trocar ele jogue a bola para o ar. O Febrônio propôs ao José Belo trocar sua bola pelo cigano. José Belo aceitou e Febrônio começou a comer o cigano. A atividade movimentou bastante os pacientes. Algumas bolas estouraram, alguns urram. Outros mal reagiram.

Nara: "Agora, quando jogarmos a bola para o alto vamos mudar um pouco. Passaremos a bola para o companheiro ao lado e diremos a palavra que nos vier à cabeça."

A palavra, entretanto, era sempre a mesma - bola - mostrando a pouca criatividade.

Edinaldo: "Eu jogo a bola para o João e a minha palavra é "amor".

Nara: Parece que, com as bolas, nos disse-
mos algumas coisas uns aos outros.
As pessoas disseram seus nomes e
já começaram a conhecer os demais. O
Edinaldo disse "amor" parece que para
mostrar as coisas boas que nos pode-
mos trazer hoje no grupo. Eu quero
saber quem ficou alegre e gostou
do novo grupo hoje?

Muitos disseram: bom.

Despedi-me dizendo-lhes que aquele
grupo seria feito novamente, na quarta-
feira, às 13:00. Falei com todos, um
por um, repetindo seus nomes. Ajudei
o Wandercil. O Febrônio sufocou-se e os
outros mostraram a sadônica pupa defezes.
Quando o monitor foi apudado -
ele agrediu o monitor. III

Ob: Neste início, eram novos fazendeiros: Paulo Ro-
berto Reis de Aguiar, Carlos Alberto (Cam-
pesta), José Belo, Macalé.

Nara Shumannord

- Grupo Recuperação - 31/10/80 - 6ª feira

Internos presentes: Elizeu, Febrônio, Nelton,

Wanderley, Mario Rocha, Manoel, Joao, Edinaldo, Elias,
Miniminho.

" O Elias disse que estava se sentindo mal e pediu dispensa da "aula". Perguntei o que o grupo achava e todos disseram que ele devia ir para a cama. O Wanderley não quis vir e embora eu fosse chama-lo, ele não ficou. O Nelson também não queria vir e tive que ir busca-lo pessoalmente. O Febrônio não rugiu o pigarro. Ele apenas o masca.

Pedi que cada um dissesse seu nome. O Febrônio disse que seu nome era Galeno. Então quem era Febrônio Indio do Brasil, perguntei-lhe. e ele disse que não sabia quem era.

O Edinaldo sugeriu que jogássemos uma bolinha de tênis, uma para o outro. Quando chegou a vez do Febrônio ele agarrou a bola e não a soltou. Ninguém reagiu e aceitaram como terminada a troca da bola entre si.

O Edinaldo disse que era bom contar. Ele contou "Aquarius" e eu, os monitores e alguns dos demais pacientes fizemos o coro, isto é, ficamos no estribilho. Cantamos, dançamos e batemos palmas.

Terminada esta parte o interesse pelas bolas de encher retornou. Os pacientes queriam encher as bolas. O Nelson, pela primeira vez, parece ter se interessado em fazer algo e tentou encher a bola. Não conseguiu mas o importante foi ter tentado. Outro paciente o ajudou, o Mario Rocha desde que perguntessem quem poderia ajudar ao Nelson.

Depois disso o Milton se desligou totalmente e ficou novamente naquele estado autista, segurando a bola.

Do jogar a bola, o Mineirinho come-
çou a cantar "Mamãe eu quero" e o "Jato
campo", e todos cantaram, exceto o Milton.
Também começamos a jogar, por exemplo,
a bola azul e quem queria dizia
e que o azul significava ou lembrava.
Para as cores das bolas surgiam as
palavras: paz, amor, cosine e Parnicid, etc.
Elas desenhavam com as bolas e o
Febrônio pavi no meio e nada mais val-
tou.

— " —

" Ficamos falando sobre cada um, o no-
me, se alguém se lembrava de onde vi-
nhá, um disse que tinha sido soldado.
O Mineirinho disse que era ladrão. O
Manoel nada conseguiu se lembrar de
nada.

Os pacientes, alguns em melhor estado,
sugeriram que poderiam pavi dali co-
mo, por exemplo, para jogar "ping-pong".
Isto surgiu depois de se falar que o
Manoel Rocha era muito peão e não
gostava de carnaval etc. Perguntei ao
Mano do que ele gostava e ele disse
que gostava de outras coisas, inclusive
daquela brincadeira de bola. O velho
Elizier falou novamente que um "ping-pong"

era muito bom."

Maria Beatriz Bricas Ramos

- " -

Nota: O nosso objetivo era estimular os pacientes e ainda não havia o momento para qualquer colocação que, mais tarde, até se provede.

- " -

Colocar, em seguida, os xerose das grupos dos dias:

19/11/1980

04/12/80

05/12/80

12/12/80

16/12/80

17/12/1980

14/01/1981

12/02/1981

pag: 40

10/03/81

17/03/81

18/03/81

25/03/81 . 26/01 ; 27/01 (pag 48)

pag 48, 49, 50

16/04/81

13/04/81

4/05/81

6/05/81

12/05/81

} em maio, iniciaram-se as estó-
rias